

## O mundo antes das palavras: a fenomenologia de Merleau-Ponty

### The world before words: the phenomenology of Merleau-Ponty

THIAGO LUAN QUEIROZ<sup>1</sup>

**Resumo:** A obra *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty é um marco na filosofia contemporânea e busca aprofundar o entendimento da experiência humana em sua relação com o mundo. Partindo da crítica à ciência e ao pensamento cartesiano, Merleau-Ponty propõe a fenomenologia como uma descrição direta do vivido, rejeitando explicações causais e priorizando o retorno "às coisas mesmas". A percepção é apresentada como a base de todo conhecimento, revelando um mundo pré-reflexivo que antecede qualquer construção teórica. O autor explora temas como corpo, espaço, tempo, intersubjetividade e intencionalidade, defendendo que a experiência do mundo é inseparável do ser-no-mundo. A fenomenologia, para Merleau-Ponty, não é apenas uma metodologia filosófica, mas uma maneira de ressignificar a existência e o pensamento.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Percepção; Intersubjetividade; Merleau-Ponty; Filosofia contemporânea.

**Abstract:** Maurice Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception* is a landmark in contemporary philosophy, aiming to deepen the understanding of human experience in its relationship with the world. Critiquing science and Cartesian thought, Merleau-Ponty proposes phenomenology as a direct description of lived experience, rejecting causal explanations and prioritizing a return "to the things themselves." Perception is presented as the foundation of all knowledge, revealing a pre-reflective world that precedes any theoretical construction. The author explores themes such as the body, space, time, intersubjectivity, and intentionality, arguing that the experience of the world is inseparable from being-in-the-world. For Merleau-Ponty, phenomenology is not merely a philosophical methodology but a way of reinterpreting existence and thought.

**Key-Words:** Phenomenology; Perception; Intersubjectivity; Merleau-Ponty; Contemporary philosophy.

### O Enigma da Fenomenologia

A fenomenologia surge como um movimento filosófico paradoxal. Anuncia-se como ciência exata e narrativa de experiências vividas, mas não fixa seu território epistemológico. Merleau-Ponty explora essa tensão no prefácio de *Fenomenologia da Percepção*, onde delinea a fenomenologia como uma busca por essências que não abandona a existência. Seu mérito e mistério parecem residir numa oscilação: entre a transcendência e a facticidade, entre a análise rigorosa e o mergulho no vivido.

---

<sup>1</sup> Graduando da UNIOESTE do último ano do curso de licenciatura em filosofia. E-mail: thiagolqueiroz@hotmail.com.

Essa filosofia se define mais como método do que como doutrina. Mas um método peculiar: não sistemático, mas intuitivo, demandando o retorno ao que Husserl chamou de "às coisas mesmas". Esse retorno não implica reduzir o mundo à consciência, como em tradições idealistas, mas reconhecê-lo como solo pré-reflexivo que sustenta todo ato de saber. Merleau-Ponty salienta que a fenomenologia é um "estilo", uma maneira de se posicionar no mundo e de compreendê-lo a partir daquilo que está antes das abstrações teóricas. Sendo assim, a primeira tarefa da fenomenologia é um gesto de suspensão — a epoché. A ciência e a filosofia tradicionais, ao explicarem o mundo, frequentemente ignoram o próprio fato de sua experiência. A fenomenologia rompe essa cadeia ao revelar que todo conhecimento repousa na percepção inicial do mundo vivido. Trata-se de substituir explicações causais por descrições do fenômeno em sua emergência, um passo que já é uma crítica à pretensão totalizante da ciência.

Contudo, esse movimento inicial revela a ambição e o dilema da fenomenologia. Ela não apenas narra o vivido, mas busca formalizá-lo sem traí-lo. Esse esforço parece contraditório: como traduzir o fluxo do mundo vivido em conceitos estáticos? Merleau-Ponty argumenta que a fenomenologia não resolve essa tensão, mas a habita. Isso a coloca em posição única: *ela não é teoria do mundo, mas revelação contínua de sua ambiguidade.*

Porém, podemos nos perguntar se será essa tensão realmente criativa ou indicativa de uma insuficiência epistemológica? Ao insistir na impossibilidade de uma redução completa, a fenomenologia talvez confunda seu método com a essência do próprio real. Se o mundo vivido é inesgotável, a tarefa de descrevê-lo não será fadada ao fracasso? Ou, mais radicalmente, não será o apelo fenomenológico uma rendição ao mistério em detrimento da clareza? O gesto fenomenológico inicial, embora iluminador, parece encerrar uma autossuficiência que recusa a crítica externa. A próxima parte investigará essa relação entre descrição fenomenológica e a imposição de limites ao pensamento reflexivo.

### **A Tensão entre Descrição e Reflexão**

Na fenomenologia, a descrição ocupa o centro da experiência filosófica. Husserl rejeita explicações causais, que reduzem a percepção a um fenômeno derivado, em favor de um retorno à própria percepção como acesso originário ao real. Merleau-Ponty, no prefácio, reforça essa ideia ao propor que "o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele". A fenomenologia, nesse sentido, não se contenta em descrever o mundo, mas aspira a reconstituí-lo como ele se dá. No entanto, há uma duplicidade nessa abordagem. O esforço descritivo parece aspirar à neutralidade, mas inevitavelmente se aproxima de uma construção conceitual. Ao identificar essências e colocar o mundo vivido em evidência, a fenomenologia já se envolve em um ato reflexivo que, paradoxalmente, tenta evitar. Merleau-Ponty reconhece essa contradição ao afirmar que a reflexão fenomenológica é, em si mesma, uma "mudança de estrutura da consciência". O que era imediato torna-se objeto de análise, perdendo a ingenuidade original que o gesto inicial buscava preservar.

Esse paradoxo reflete um desafio maior: a relação entre o vivido e o pensado. Husserl tentou preservar a "vida antepredicativa da consciência" enquanto fundamento, mas ao tematizá-la, inevitavelmente a transforma. A redução fenomenológica — supostamente um gesto de suspensão — nunca é completa porque exige que o filósofo já esteja situado no mundo. Esse "inacabamento" não é um defeito técnico, mas estrutural: a tentativa de captar o vivido implica uma distância que o altera. Merleau-Ponty busca resolver esse impasse deslocando o foco da fenomenologia para a noção de "ser no mundo". Aqui, o sujeito não é apenas aquele que percebe, mas aquele que é constituído pela relação com o mundo. A reflexão fenomenológica, então, deixa de ser uma operação puramente subjetiva e passa a ser um evento compartilhado entre sujeito, mundo e outros. Essa intersubjetividade é onde a fenomenologia se torna mais ambiciosa: ela não quer apenas descrever o mundo vivido, mas revelar sua estrutura relacional.

No entanto, essa tentativa de reconciliação não elimina a tensão. A fenomenologia expande suas ambições para abarcar tanto a essência quanto a existência, mas, ao fazê-lo, flerta com a indeterminação. Se o mundo vivido é inesgotável, o que garante que as descrições fenomenológicas sejam mais do que fragmentos subjetivos? Alimentando uma espiral infinita de arbitrariedades justificáveis. A

relação entre o vivido e a reflexão pode ser vista como uma aporia, na qual a fenomenologia se move sem nunca alcançar um ponto de equilíbrio.

O maior mérito desse dilema é justamente o que o torna problemático: a fenomenologia reivindica ser tanto uma filosofia transcendental quanto uma prática existencial. Essa dualidade, me parecendo que, longe de ser um obstáculo, é o motor de sua força interpretativa. Contudo, a próxima parte explorará as implicações dessa ambição no modo como a fenomenologia enfrenta a ciência e outras formas de conhecimento.

### **A Fenomenologia entre Ciência e Filosofia**

A fenomenologia, ao se apresentar como uma "ciência exata do vivido", adota uma postura que a distingue e, ao mesmo tempo, a aproxima da ciência tradicional. Merleau-Ponty argumenta que todo conhecimento científico é fundado no mundo vivido e, portanto, é derivado. A ciência, ao explicar fenômenos por meio de relações causais e abstrações matemáticas, ignora o fato de que essas explicações só fazem sentido porque emergem da experiência primordial da percepção.

Essa crítica se justifica quando consideramos que a ciência também opera por reduções. Ela abstrai o mundo sensível para construir modelos que, embora úteis, são incapazes de capturar o "ser do fenômeno". O exemplo mais evidente está na geografia: enquanto disciplina, ela estuda a Terra como um sistema de coordenadas e relações espaciais, mas perde de vista a floresta, o prado e o riacho como dados imediatos da experiência perceptiva.

A fenomenologia, nesse sentido, reivindica um status epistemológico superior, pois busca descrever aquilo que a ciência pressupõe mas não tematiza: o mundo vivido. No entanto, a postura fenomenológica não está livre de riscos. Ao rejeitar a causalidade científica, ela pode ser acusada de negligenciar a capacidade explicativa que permite à ciência intervir no mundo de forma prática e previsível. Merleau-Ponty evita um conflito direto ao sugerir que a fenomenologia e a ciência operam em níveis distintos: a ciência explica o mundo; a fenomenologia o revela. Mas essa distinção, embora elegante, pode ser considerada insuficiente. Afi-

nal, ao separar tão rigidamente os domínios, a fenomenologia corre o risco de se isolar da esfera prática.

O ponto mais crítico da tensão está na tentativa fenomenológica de resgatar a experiência pré-científica sem negar o valor da ciência. A fenomenologia não despreza a racionalidade científica, mas afirma que esta é uma expressão secundária de uma racionalidade mais originária. Contudo, essa racionalidade originária — o "sentido vivido" — é sempre elusiva. O filósofo sugere que a fenomenologia não busca construir verdades absolutas, mas compreender o processo pelo qual o mundo se dá ao sujeito. Esse compromisso com a descrição sobre a explicação, entretanto, pode gerar uma fragilidade metodológica. Como diferenciar uma descrição válida de uma distorcida? Sem critérios externos, a fenomenologia corre o risco de cair no subjetivismo, onde toda experiência descrita é igualmente legítima. A insistência em "retornar às coisas mesmas" me parece não resolver esse problema, pois o ato de descrever já implica seleção e interpretação.

Mais interessante é o modo como a fenomenologia aborda a questão da racionalidade como intersubjetividade. Para Merleau-Ponty, o sentido do mundo emerge da intersecção entre experiências individuais e compartilhadas. Isso significa que a fenomenologia não é apenas uma prática individual, mas também um projeto coletivo, no qual os fenômenos são continuamente reinterpretados à luz de novas perspectivas. Esse é talvez o ponto em que a fenomenologia mais se aproxima da ciência: não na metodologia, mas no compromisso com uma busca inacabada.

Na próxima parte, será discutido como essa abertura fenomenológica ao inacabado implica não apenas um método, mas também uma atitude ética e existencial.

### **A Fenomenologia como Atitude Existencial**

A fenomenologia culmina em algo mais profundo que um método filosófico: uma disposição para viver no mistério do mundo. Merleau-Ponty define a fenomenologia como um "movimento antes de uma doutrina", o que indica que ela não é apenas uma prática intelectual, mas uma forma de engajamento com a realidade. O filósofo fenomenológico não se contenta com respostas definitivas; ele

aceita que todo sentido é provisório, emergindo de um diálogo contínuo entre o sujeito e o mundo.

Esse caráter inacabado, longe de ser uma limitação, é sua maior força. Ao recusar a ilusão de uma racionalidade totalizante, a fenomenologia revela o mundo como um "horizonte inesgotável". Esse horizonte não é apenas uma metáfora; é uma condição existencial que exige tanto humildade quanto coragem. A fenomenologia desafia o filósofo a abandonar a segurança de sistemas fechados e a entrar no fluxo da experiência, onde o sentido se forma e se desfaz constantemente.

Essa abertura tem implicações éticas profundas. Se a fenomenologia nos ensina que o sentido do mundo emerge na intersubjetividade, então nossas ações e julgamentos nunca são puramente individuais. A noção de "ser no mundo" implica que estamos irrevogavelmente ligados ao outro, e isso nos convoca a um reconhecimento mútuo que vai além da mera coexistência. A fenomenologia, assim, não é apenas uma filosofia do vivido, mas também uma ética da responsabilidade compartilhada. Entretanto, há um risco nesse compromisso com o inacabado

A fenomenologia pode se tornar refém de sua própria indeterminação, recusando-se a assumir posições firmes em nome de sua abertura esseencial. Merleau-Ponty reconhece essa tensão, mas a transforma em virtude: para ele, o filósofo fenomenológico não "resolve", mas "reaprende" a ver o mundo, e esse reaprendizado é uma forma de resistência à alienação que muitas vezes acompanha os sistemas totalizantes.

Por fim, a fenomenologia nos ensina algo radical sobre o papel da filosofia: ela não é um reflexo de verdades pré-existentes, mas uma atividade criativa, uma tentativa incessante de dar forma ao sentido enquanto ele emerge. Nesse aspecto, a fenomenologia se aproxima mais da arte do que da ciência. Como uma obra de Cézanne ou um romance de Proust, a fenomenologia é uma revelação em processo, que só faz sentido no ato de sua realização. Essa atitude filosófica não apenas ilumina o mundo; ela transforma o filósofo. A fenomenologia nos pede não apenas para pensar o mundo, mas para habitá-lo de maneira mais plena, enfrentando tanto sua clareza quanto seus enigmas. É nessa disposição para o mistério que a

fenomenologia encontra sua força mais duradoura — e também seu desafio mais exigente.

### **Referências**

PONTY, M. M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Submissão: 15. 10. 2025

/

Aceite: 02. 12. 2025